



APRESENTAÇÃO

A gente que faz a cidade, a cidade que faz a gente

Foi num 21 de abril como este, com poucas chuvas e o frio se aproximando, que Brasília veio à luz, de mãos dadas com candangos de todas as partes do país. Esses trabalhadores/sonhadores começaram a moldar o tecido identitário da Capital da Esperança que, até hoje, vem sendo costurada por novas gerações.

Brasília é composta de gente que fez o concreto de Oscar Niemeyer respirar, sorrir, lutar e oferecer interconexões que nos distinguem de outras cidades brasileiras. É aí que está o jeito brasiliense de ser, resiliente, voluntário, colaborador, solidário.

Nesta edição especial, a equipe de repórteres do **Correio** apresenta perfis e trajetórias emocionantes dessa gente, suas interações e os impactos dessas vidas no desenvolvimento de uma cidade única.

Em cada ação, Brasília se revela um mosaico de iniciativas individuais, que, juntas, constroem um estado de bem-estar e de trabalho por um futuro melhor. Gente que se une por meio da colaboração para inovar e promover a inclusão, que



Confira vídeo especial sobre os 65 anos do Correio

se dedica à ciência e à descoberta de novas tecnologias que, somadas, impulsionam o desenvolvimento social, econômico e cultural da capital.

Brasília completa 65 anos com gerações de brasilienses nascidos e crescidos aqui e continua acolhendo sonhos de vários lugares, acrescentando outras cores ao grande tecido multicolorido da cidade.

Para esta edição, sugerimos a crônicas da cidade o tema “A minha Brasília”, e eles trouxeram perspectivas diversas e afetivas sobre a capital e sua gente.

Em 1960, neste mesmo dia, o **Correio Braziliense** nascia. Trazia estampada na primeira página a manchete “Brasil, capital Brasília”. Era início de uma relação de amor e de comprometimento com a capital de um país cheio de esperança, e essa relação perdura até hoje, com novas plataformas digitais e um jornal impresso que mantém o compromisso com a informação desde os primeiros dias.

José Carlos Vieira, editor

Adriana Bernardes, coordenadora de produção



Minha Brasília

SEVERINO FRANCISCO

Utopia cultural

Na primeira vez em que vi o Plano Piloto eu devia ter uns 7 anos. Na época, colecionava gibis. Meu pai me levou até a Esplanada dos Ministérios e, quando divisei os edifícios de brancura espectral, a impressão que tive foi de avistar uma cidade das historietas de Flash Gordon, envolvida nas nuvens de poeira. A espacialidade me causou fascínio e angústia. Os prédios pareciam próximos, mas estavam longe.

Sem saber, talvez tenha feito um percurso clássico da maioria das pessoas em relação à cidade. Reza a lenda que Brasília sofre da síndrome de três dês. O primeiro é o do desespero, ao se deparar com a imensidão do espaço, a ausência de esquinas e a perda de referências das cidades tradicionais.

O segundo é o deslumbramento de constatar que, passado o estranhamento, ao viver a cidade cotidianamente, ela vai revelando suas qualidades. É uma cidade-parque, pontilhada

de jardins, árvores, pássaros e luminosidade. Respira-se ar puro. A escala monumental irradia a beleza dos monumentos em interação com as nuvens em mutação. Mas o aprofundamento da vivência leva ao terceiro estágio, o do desencanto. Os desmandos de governos que complicam a cidade. O desencanto é benéfico, pois leva a uma visão mais realista.

Muito tempo depois dessa primeira visão, sinto que marquei e deixei-me marcar pela cidade. Alguns sentem falta do fervilhamento de outras cidades, em que se esbarra a todo momento em outras pessoas. De minha parte, eu dispenso essa situação. Morei em São Paulo, durante quatro anos, esbarrava nas pessoas e nunca me senti tão solitário. Eu gosto da contemplação do silêncio visual de Brasília.

A minha relação com Brasília sempre foi mediada pela arte. “Sobre a cabeça os aviões/Sob os meus pés os caminhos/Apona contra os chapadões/



Meu nariz”. Eu tinha 13 anos quando ouvi, pelo rádio, em São Paulo, a canção-manifesto *Tropicália*, de Caetano Veloso. Ela caía como um objeto não identificado sobre a minha cabeça. Eu estava acostumado a ouvir canções que narravam uma historinha, com começo, meio e fim.

Com sua letra estilizada e seu arranjo épico, *Tropicália* explodia com o modelo convencional de narrativa e me deixava perdido, sem entender nada, sem lenço e sem documento. Mas, estranhamente, ao mesmo tempo, eu tinha a sensação de que algo me era familiar. Na terceira vez em que ouvi

Tropicália, identifiquei o que me era familiar e encontrei uma brecha e uma chave para entrar na canção de Caetano: Brasília.

Quem não gosta de arte não gosta de Brasília, porque ela é uma cidade criada por artistas e por um presidente com alma de artista. E isso está inscrito na estrutura da cidade. Brasília é uma utopia cultural. A beleza de Brasília não é uma qualquer para decorar, enfeitar ou compor um cenário para o poder. Não é mero cenário para um faroeste caboclo. A minha Brasília é uma cidade que Lucio Costa pousou no Cerrado com a sabedoria de um

arquiteto do cosmos, nas palavras do poeta Francisco Alvim.

Foi Lucio Costa que nos colocou pertinho do céu. E, por isso, não são apenas os monumentos de Niemeyer que precisam ser preservados, mas também a escala bucólica, os vazios, vazados e a espacialidade. É um equilíbrio delicado que pode ser quebrado por intervenções desastradas, sob o risco de apagar o céu.

O **Correio** organizou uma exposição, em cartaz na Casa de Chá, com 42 fotos de momentos em que Brasília se encontrou para chorar a morte de Tancredo Neves, para se despedir de Juscelino Kubistchek, para celebrar o título de campeão mundial de 2002, para exultar-se com o Concerto Cabeças no Parque da Cidade, para fazer uma pedalada coletiva no Eixão do Lazer ou para pedir paz no trânsito.

É comovente ver um mar de brasilienses mobilizados para as pequenas e as grandes utopias. Apesar de todas as desinteligências e dos acidentes da história, eu ousaria dizer, parafraseando Lucio Costa, contra todas as evidências, que Brasília não tem vocação para a distopia.